

Opção pelos pobres e recepção da Bíblia: A leitura bíblica na teologia da libertação

Kenner R. C. Terra¹

RESUMO

Este artigo apresenta algumas características da leitura bíblica na América Latina, em especial produções dos biblistas considerados teólogos da libertação, os quais fizeram uma opção metodológica de leitura dos textos bíblicos, a saber, a opção pelos pobres latino-americanos e sua libertação. Antes de qualquer coisa, esta teologia pretende ser uma teologia bíblica, que na recepção dos textos leva em consideração a vida e o sofrimento dos oprimidos para sua produção teológica.

PALAVRAS-CHAVES

Bíblia, Teologia da Libertação, Recepção, América Latina.

ABSTRACT

In this paper, I will introduce some characteristics of Bible reading in Latin America, especially among the productions of scholars considered liberation theologians, who made a methodological option for the reading of biblical texts, namely, the option for the poor people in Latin America and their liberation. Before anything else, this theology

¹ Kenner R. C. Terra, doutorando em Ciências da Religião (UMESP), é professor de Literatura Bíblica na Unigranrio, membro do Grupo de Pesquisa Oracula (www.oracula.com.br), da ABIB (Associação Brasileira de Interpretação Bíblica) e da REJU (Rede Ecumênica de Juventude).

intended to be a Biblical theology, and in the reception of texts it takes into consideration the life and suffering of oppressed people for their theological production.

KEYWORDS

Bible, Theology of Liberation, Reception, Latin America

Introdução

A exegese latino-americana, mesmo que tenha recebido influências especialmente da academia europeia, estabeleceu-se a partir de apropriações “autóctones”, tornando a leitura bíblica em nossas terras um olhar muito particular aos textos da tradição judaico-cristã. Neste sentido, a teologia da libertação fez do texto bíblico óculos para ler a realidade. A teologia latino-americana, antes de qualquer coisa, pretende ser uma Teologia Bíblica², levando em consideração passos metodológicos mínimos para a formatação do seu discurso e prática de fé. Nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), por exemplo, ambiente no qual a Teologia da Libertação encontrou campo fértil, a Bíblia era lida a partir da realidade do povo. Sua interpretação e recepção estavam a serviço da realidade dos leitores, como fonte de inspiração para práxis.

A produção da Teologia da Libertação é um campo fértil para percebermos a dinâmica da recepção da Bíblia como possibilidades múltiplas de sentidos. Mesmo que os biblistas da libertação primam pela utilização de metodologias exegéticas refinadas, tais como métodos histórico-crítico e histórico-social, a realidade do oprimido abre o texto, dando-lhe a possibilidade de ganhar vida na relação com os leitores e leitoras. Severino Croatto, que também pode ser colocado entre os biblistas da libertação, mostrou muito bem como o texto é sempre polissêmico e carrega em si “reservas-de-sentido”, pelas quais podem ser

² Sobre o que a história da teologia bíblica, principalmente para a teologia do Antigo Testamento, ver: BARR, James. **The Concept of Biblical Theology: An Old Testament Perspective**. London: SCM, 1999.

fundidas diferentes realidades³. Os textos bíblicos são, para Croatto, memórias de “fatos”, tais como o êxodo, as quais são geradoras de novos acontecimentos⁴.

Neste sentido, podemos adiantar que para nossa observação não percebemos a dinâmica da recepção como deturpação do texto, mas enriquecimento e aprofundamento do seu sentido. Para tanto, olharemos a complexidade da recepção da Bíblia nas produções teológicas de biblistas latino-americanos. Privilegiaremos a leitura feita a partir dos teólogos e exegetas profissionais, deixando um pouco de lado os grupos leigos que também militaram e militam na Teologia da Libertação⁵.

A dinâmica da recepção: criatividade e produção de novos textos

Nos últimos anos ficou claro que não importa se somos metodologicamente refinados ou não, o consumo de textos e suas leituras sempre serão criativos. A recepção de textos, especialmente os textos sagrados, é dinâmica. Com o passar do tempo, suas apropriações geram novas imagens e símbolos produzindo um cabedal de conteúdo. Marco Antonio de Almeida percebeu muito bem os pressupostos metodológicos de R. Chartier e Michel de Certeau ao dizer que

[...] em particular ao considerar que cada “consumidor” cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe. Nessa perspectiva, o consumo cultural passa a ser visto também como uma forma de produção, na medida em que é uma apropriação e uma construção simbólica (muito embora,

³ CROATTO, José Severino. **Hermenêutica Bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado**. São Paulo/São Leopoldo: Paulinas/Sinodal, 1986.

⁴ CROATTO, José Severino. **Êxodo – uma hermenêutica da liberdade**. São Paulo: Paulinas, 1981.

⁵ Para uma diferenciação dos níveis de ação dentro da Teologia da Libertação, cf. BOFF, L. & BOFF, C. **Como Fazer Teologia da Libertação**. 10^o ed. Petrópolis: 2011.

como lembra o próprio Certeau, seja uma produção silenciosa, disseminada, anônima)⁶.

Levando isso em consideração, podemos dizer que o contexto de pobreza e opressão latino-americanos eram os condutores da leitura e recepção bíblicas, fazendo do texto uma janela pela qual as ânsias das comunidades de leitura faziam suas intuições para práxis e conteúdo de legitimação. No decorrer das reflexões teológicas em nossas terras, o locus de leitura foi se alargando, porque o tal “oprimido” começou a ganhar cara e nome. Assim, a mulher, o índio, o negro, o homossexual, a criança, a terra/planeta etc. tornaram-se lugares de leitura dos textos, os quais se renovavam gerando novos sentidos no chão de cada experiência.

Para pensarmos a recepção, outros pressupostos importantes são os indicados pela semiótica russa da cultura, especialmente através das intuições de Iuri Lotman, da escola de Tártu-Moscou, a respeito do conceito de “texto”. Para esta escola, cultura é “fenômeno interativo sem existência isolada e com um campo conceitual unificado fundado no processamento, na troca e na armazenagem de informações”⁷. Neste sentido, a cultura é interativa e traz para o centro de si outros mundos⁸. E como a cultura é uma organização de significantes e significados, ela por si já é um texto. Como diz Irene Machado, “a cultura como texto implica a existência de uma memória coletiva que não apenas armazena informações como também funciona como um programa gerador de novos textos, garantindo assim a continuidade”⁹.

⁶ ALMEIDA, M. A. Cada Leitor seu Texto: Dos Livros à Redes de Leitores. **Enc. Bibli.: Revista Eletrônica de Biblioteconomia Científica e Informação** (edição especial), n. 1 (2009): 154-173. Muitos outros autores trabalham com o conceito de recepção, estética da recepção etc. e suas dinâmicas, cf. JAUSS, H. R. **A história da Literatura como provocação à ciência da Literatura**. São Paulo: Ática, 1994; PARRIS, D. P. **Reception theory and biblical hermeneutics**. Eugene: Pickwick, 2009.

⁷ MACHADO, Irene. **Escola de semiótica. A experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2003.

⁸ LOTMAN, I. Tese para uma análise da semiótica da cultura. MACHADO, Irene. **Escola de semiótica. A experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2003, p. 110.

⁹ LOTMAN, I. Tese para uma análise da semiótica da cultura, p. 102.

Lotman diz ser a cultura a anexação de textos, e estes são unidades básicas da cultura. Por isso, como bem afirma, o texto não é somente o gerador de novos significados, mas também um condensador de memória cultural. Um texto tem a capacidade de preservar a memória de seus contextos prévios¹⁰, e isso através de tradução de tradições. No texto há outros sistemas de signos (inteiros ou parciais), tornando-o sua parte constituinte. Neste sentido, a exegese não mais se preocupará com “intenções do passado”, tão caras para o historicismo e quase uma patologia do método histórico- crítico, mas com a criatividade do texto em organizar memórias e dar a elas sentido no seu discurso. Se pensarmos na recepção de memórias dos pobres, como falam os biblistas da libertação, encontramos nesta escola de semiótica uma possibilidade de diálogo.

Outra questão levantada por Lotman, seguindo caminhos de outros semioticistas, é a releitura ou as releituras destes textos, que são “textos-memórias”. Para este pesquisador e sua escola, a recepção do texto é uma grande oportunidade de aprofundamento a níveis de informação e intenção latentes, aos quais não seria possível chegar por sua leitura “original”¹¹. Por isso, quanto mais o texto for lido mais rico ficará, pois serão revelados aspectos do conteúdo que em outros contextos de leituras não poderiam ser acessados ou não desabrochariam. Consequentemente, a exegese deixa de ser uma arqueologia do sentido, para tornar-se observadora do texto como instrumento de diálogo com a cultura, pois suas releituras nas artes, gestos, etc., são também aprofundamento ao seu significado. O histórico deixa de ser o passado, tornando-se o mundo que cerca os leitores e dá a eles a capacidade de acessar “mundos e fundos” inacessíveis, por exemplo, à audiência original. O texto torna-se, então, um cabedal de expressões dos diversos significados e armazém do acúmulo de sentidos adquiridos nas leituras dentro da história. A América Latina, com todas as suas idiossincrasias econômico-sociais, serve na leitura bíblica da libertação de instrumento

¹⁰ LOTMAN. I. *As três funções do texto. Por uma teoria semiótica da cultura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007, p. 22.

¹¹ LOTMAN. I. La semiótica de La cultura y El concepto de texto. *Escritos* 19, 1993, p. 19.

para aprofundamento do texto. Ou seja, a vida, marcada por suas lutas e complexidade, ajuda e interfere não somente na atualização do texto, como diria a hermenêutica tradicional, mas no acesso privilegiado a sentidos e significados mais profundos. E mais, a opressão e pobreza tornam-se lugares para acessar as verdades do texto e seus significados mais vivos.

A Teologia da Libertação tornou o contexto latino-americano mais do que chave de leitura. Ela fez deste uma oportunidade de aprofundamento aos significados dos textos sagrados e seus sentidos latentes, como veremos em seguida.

O biblista da libertação e a leitura bíblica

Juntamente com REB (Revista Eclesiástica Brasileira), a revista Estudos Bíblicos e RIBLA (Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana) foram e são importantes fontes para percebermos como a Bíblia é recebida pela Teologia da Libertação, pois nestes periódicos encontramos diversos biblistas da libertação que produziram seus textos a partir da agenda e preocupações latino-americanas. Seus editores pertencem ou pertenciam às fileiras dos grandes teólogos comprometidos com a libertação. Encontramos vinculados a estes periódicos teólogos como Leonardo Boff, Ludovico Garmus, Gilberto Gorgulho, Carlos Mesters, Johan Koning, Carlos Dreher, Milton Schwantes, e outros.

Sem dúvida, a leitura bíblica latino-americana é quase, em termos metodológicos, um prolongamento da leitura europeia. No entanto, faz-se iluminada pelas lutas do povo sofrido e seus aliados. No primeiro ano da revista Estudos Bíblicos, em 1986, Ludovico Garmus e Leonardo Boff já mapearam bem como seria a leitura da Bíblia nestes periódicos e mostraram como a própria Teologia da Libertação tratava os textos bíblicos:

Esta nova seção da “Revista Eclesiástica Brasileira” quer oferecer aos leitores subsídios relacionados com o uso e interpretação da Bíblia na vida cristã. O título “Estudos Bíblicos” não prende

levar a uma leitura desengajada da Bíblia, mas chamar a atenção à seriedade com que deve ser tratada a Palavra de Deus enquanto desafio para uma vida cristã mais engajada e consciente [...]. O caráter destes “Estudos Bíblicos” será ecumênico. Reunirá contribuições de autores católicos, luteranos, anglicanos e metodistas, que à seriedade da exegese científica procuram aliar uma leitura comprometida com a realidade conflitiva da vida do homem hoje. Querem ler a Bíblia a partir da vida e iluminá-la, por sua vez, com a Palavra de Deus. Por tanto, não se dará atenção as diferenças eclesiais de interpretação, mas tentar-se-á unir os esforços de todos no sentido de tornar os venerados textos da Bíblia contemporâneos ao nosso tempo e atuantes nas lutas de libertação do Povo de Deus¹².

A leitura nesta perspectiva tem duas características. Ela é engajada e ecumênica. Por ser engajada, já determina sua leitura, como diz a citação, porque é “uma leitura comprometida com a realidade conflitiva da vida”. Esta realidade conflitiva, latino-americana, determinará os resultados da interpretação, ou seja, não será uma leitura desinteressada, ou neutra, como desejariam os positivistas. No entanto, isso não impede de ser uma leitura científica, pois como mesmo diz os dois teólogos da libertação, ela levará em consideração “a seriedade da exegese científica”. É uma leitura científica da Bíblia, mas iluminada pela realidade dos leitores e com compromissos ideológicos de libertação do Povo de Deus. Carlos Mesters, ao falar das leituras feitas nas Comunidades de Base, diz que a “leitura que os pobres fazem da Bíblia apresenta um novo contexto que permite à exegese científica reencontrar-se com sua missão dentro da Igreja”¹³. Não há nesta perspectiva de leitura ingenuidades tais como “isenção de interesses” e “deslocamento do contexto do leitor”, como se fosse feita no “ar” ou em regiões celestiais, ou, até mesmo, o frenesi pelo esgotamento do texto no passado, como se a exegese fosse simplesmente arqueologia de tradições. Por isso, é possível ser uma leitura engajada, pois encontra no texto valores e respostas contra a opressão e modelos de lutas pela

¹² GARMUS, L. & BOFF, L. Editorial. **Estudos Bíblicos** 1, 1986, p. 5-6.

¹³ MESTERS, CARLOS. Como se Faz Teologia Bíblica Hoje no Brasil. **Estudos Bíblicos** 1, 1986, p. 7-19, p. 10.

libertação e, ao mesmo tempo, ter caráter científico. Significa a leitura a partir dos pobres e para os pobres!

A leitura da Bíblia feita pela Teologia da Libertação também é ecumênica, pois o olhar sobre os textos é feito por pesquisadores e pesquisadoras de diversos seguimentos cristãos e, em outras produções, por não cristãos. No entanto, é digna de nota a ausência de biblistas pentecostais nos números da RIBLA e Estudos Bíblicos. Inclusive, o primeiro número da revista Estudos Bíblicos que pertencia ao biblista Archibald Woodruff, que era ligado à Teologia da Libertação, tem uma glosa feita por ele indicando a falta dos presbiterianos no parágrafo no qual há a lista das denominações que estariam contribuindo com a leitura ecumênica na citada revista. Posteriormente, em outros números, esta falta foi preenchida com a presença de exegetas presbiterianos, tais como Marcos Paulo Monteiro da Cruz Bailão, Julio Zabatiero, Paulo Nogueira, José Adriano Filho e o próprio Archibald.

O Êxodo como chave de leitura

É consenso entre o teólogo e teóloga latino-americanos que a Bíblia deve ser lida para a libertação. Nas Comunidades de Base, o “ver-julgar-agir” estava no eixo da interpretação bíblica. As comunidades a leriam mais preocupadas com os problemas presentes do que com o sentido do passado, mesmo que auxiliadas por exegetas profissionais. Para a Teologia da Libertação, pelo menos em seu ramo mais clássico, o livro do Êxodo é uma espécie de paradigma. Um tipo de evento fundante para se ler toda a Bíblia. Como diz Milton Schwantes:

O êxodo é um paradigma. Faz as vezes de; é um exemplo. Assemelha-se a uma lâmpada. Ilumina toda a história bíblica. Aparece como sua veia principal. É ainda, “manjedoura” onde nasce o povo, ‘eixo da história de Israel com seu Deus’, ‘experiência fundante’, ‘experiência integradora’, ‘estrela guia da Escritura’¹⁴.

¹⁴ SCHWANTES, M. O êxodo como evento exemplar. **Estudos Bíblicos** 16, 1988, p .9-18.

A libertação do Egito é vista como um ato contínuo tanto na Bíblia Hebraica como na Cristã, pelo qual são quebradas as correntes do povo de Deus. Inclusive, nesta perspectiva, Jesus é como um tipo de Moisés que conduz o povo para o “leite e mel”. Na Teologia da Libertação, o êxodo não é espiritualizado, como se falasse de libertação da alma do pecado ou coisa deste tipo, mas é modelo de fuga da opressão e subversão diante dos agentes de injustiça e desumanização.

Valmor da Silva, numa conferencia da ABIB, mostrou como o livro do Êxodo foi importante para a leitura bíblica latino-americana, e fez uma espécie de história da pesquisa que é oportuna ser aqui citada:

Em 1965, a revista de Cultura Bíblica, órgão da Liga de Estudos Bíblicos (LEB), lança um número quase exclusivamente sobre o Êxodo. Um amplo artigo chama a atenção, no âmbito de nossa temática, sobre O Tema do êxodo na Bíblia (MESTRES, 1965). Conforme o título anuncia, o artigo é verdadeiramente temático, tratando da importância do tema para o povo bíblico, sua base histórica, sua importância para a fé e vivência histórica do tema. A centralidade do Êxodo na Bíblia de Israel é explicada exhaustivamente: “aquilo que a vida de Jesus representa para nós cristãos, representa para os hebreus do Antigo Testamento o fato do êxodo” (MESTERS, 1965, p. 2,58). Em 1970 reúne-se a Sociedade Argentina de Professores de Sagrada Escritura (SAPSE) para estudar “o movimento do êxodo na Bíblia” (El motivo, 1970). As exposições em geral foram temáticas, relacionando Êxodo ao Novo Testamento. Enrique Nordoni refletiu sobre o êxodo e a ceia dos Sinóticos, Luis Fernando Rivera sobre o êxodo em Marcos; José Ignacio Vicentini sobre a libertação em Filemon; e Rofolfo Obermüller sobre o êxodo em Hebreus. O número monográfico da revista com as publicações do ano seguinte, Êxodo-libertação, incluiu artigos mais incidentes sobre o tema da libertação, como o de José Severino Croatto, que rastreia três focos libertadores no Antigo Testamento: êxodo, criação e profetismo. Roberto Sartor lança a libertação como temática para reflexão teológica, e Horácio Bojorge Cervetti persegue a interpretação libertadora da Bíblia¹⁵.

¹⁵ VALMOR, da Silva. Leituras do Êxodo na America Latina. REIMER, Haroldo; VALMOR, da Silva. **Libertação-Liberdade**. Novos Olhares: contribuições ao

Como percebemos, ao falarmos da recepção da Bíblia na Teologia da Libertação o livro do Êxodo, ou o próprio evento êxodo, é importantíssimo, pois ele é resignificado na realidade de opressão e no programa desta teologia. Logo, este livro serve de chave de compreensão para toda Bíblia, como se fosse uma linha fina que perpassasse todos os textos e os eventos salvíficos da tradição judaico-cristã.

Bíblia como memória dos pobres

O biblista Milton Schwantes, há pouco falecido, defendia que por trás dos textos bíblicos há originalmente perícopes, unidades literárias completas, que foram costuradas a contextos literários maiores. Como ele mesmo afirma:

A unidade literária menor provém dos pequenos organismos sociais, das microestruturas, das quais, no antigo Israel, a família ou o clã são as mais dinâmicas. O clã agrário sabiamente foi a microestrutura elementar na vida do povo. Pode-se, pois, afirmar que o clã é lugar vivencial preferencial da perícopos. Em outros termos: a perícopos é memória popular¹⁶.

Schwantes acreditava que essas memórias eram tão impactantes que os escribas das classes superiores as teriam copilado em suas formas originais sem transformá-las muito¹⁷.

Por isso, Pablo Richard pode falar que os pobres seriam os autores humanos da Bíblia e, seriam eles, em última instância, os que teriam a chave de sua interpretação: “os pobres são interpretes privilegiados da Bíblia. Falar dos pobres, no entanto, é falar de um sujeito coletivo e conflitivo”¹⁸. Este biblista chega dizer que

II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo/Goiânia: Oikos/UCG, 2008, p. 19.

¹⁶ SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da Elaboração de uma Hermenêutica do Pentateuco. **Estudos Bíblicos** 1, 1986, p. 36.

¹⁷ SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, p. 36.

¹⁸ RICHARD, Pablo. Bíblia: Memória Histórica dos Pobres. **Estudos Bíblicos** 1, 1986, p.20.

Numa perspectiva puramente sociológica, mas interpretada à luz da tradição da fé, podemos primeiramente afirmar que são os pobres os únicos intérpretes legítimos do texto bíblico, pois esse texto pertence à memória histórica dos pobres¹⁹.

A partir destas perspectivas, a Bíblia seria um conjunto de memórias populares, nas quais encontraríamos resquícios das lutas e dilemas das classes oprimidas do Mundo Antigo. Por serem as lutas e opressão dos povos latino-americanos análogas, estes seriam leitores privilegiados do texto sagrado. E, quando lemos os textos a partir dos conflitos dos pobres e por eles são lidos os textos, chegamos mais próximos dos sentidos originais do texto. Percebemos, assim, mais uma peculiaridade da recepção da Bíblia na Teologia da Libertação.

Conclusão

O texto é vivo. Seus símbolos, metáforas e estruturas mais básicas estão carregados força de sentido. Exatamente por isso, torna-se capaz receber sempre nova vida na história, pois se assim não fosse morreria no passado. Por isso, parece no mínimo estranho encontrarmos ainda alguns pesquisadores que desejam “cavucar” o passado como se ele fosse ponto final da pesquisa. O pior não é isso, mas a inocência destes em acreditar que são capazes de descortinar, limpidamente este “antes” totalmente outro! A teologia da libertação nos mostrou como essas pretensões são no mínimo indevidas, pois o horizonte do leitor parece determinar a leitura do texto e sua volta ao passado.

Ainda, por mais que alguns achem que a Teologia da Libertação tenha morrido²⁰, percebemos como suas sementes ainda estão presentes em várias produções e movimentos teológicos que repensaram suas pri-

¹⁹ RICHARD, Pablo. Bíblia: Memória Histórica dos Pobres, p. 25.

²⁰ Para uma reflexão histórica sobre a teologia da libertação e suas principais obras e alguns pontos a respeito de suas atuais tendências, cf. RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **A Teologia da Libertação Morreu? Reino de Deus e Espiritualidade Hoje**. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2010 (especialmente Cap. I).

meiras intuições. Para as pesquisas bíblicas, resguardadas suas nítidas inocências, muitas e perenes contribuições foram feitas pela leitura bíblica da libertação, especialmente no campo das pesquisas sociológicas e culturais, das quais até hoje nos servimos.

Como uma síntese, podemos dizer que a recepção bíblica na Teologia da Libertação mostrou como o texto tem grande potencial de geração de sentidos. Para este discurso teológico, a práxis libertadora e os problemas vividos na América Latina servem de luz para a aproximação aos textos sagrados. Neste sentido, os leitores/as determinam a interpretação da Bíblia e lhe dão vida dentro dos seus conflitos latino-americanos. A experiência da recepção de textos sagrados na América Latina nos convida a deixarmos de lado velhos reducionismos e positivismos metodológicos.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. A. Cada Leitor seu Texto: Dos Livros à Redes de Leitores. **Enc. Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia Científica e Informação** (edição especial), n. 1, 2009, p. 154-173.
- BARR, James. **The Concept of Biblical Theology: An Old Testament Perspective**. London: SCM, 1999.
- BOFF, L. & BOFF, C. **Como Fazer Teologia da Libertação**. 10º rd. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- CROATTO, José Severino. **Hermenêutica Bíblica: para uma teoria da leitura como produção de significado**. São Paulo: Ed. Paulinas; São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- CROATTO, José Severino. **Êxodo – uma hermenêutica da liberdade**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1981.
- GARMUS, L. & BOFF, L. Editorial. **Estudos Bíblicos** 1, 1986, p. 5-6.
- JAUSS, H. R. **A história da Literatura como provocação à ciência da Literatura**. São Paulo: Ática, 1994.
- LOTMAN, I. Tese para uma análise da semiótica da cultura. MACHADO, Irene. **Escola de semiótica. A experiência de Tartú-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2003.

- LOTMAN, I. *As três funções do texto. Por uma teoria semiótica da cultura*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.
- LOTMAN, I. La semiótica de La cultura y El concepto de texto. *Escritos* 19, 1993, p. 19.
- MESTERS, Carlos. Como se Faz Teologia Bíblica Hoje no Brasil. *Estudos Bíblicos* 1, 1986, p. 7-19.
- MACHADO, Irene. *Escola de semiótica. A experiência de Tartú-Moscov para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial/FAPESP, 2003.
- PARRIS, D. P. *Reception theory and biblical hermeneutics*. Eugene: Pickwick, 2009.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *A Teologia da Libertação Morreu? Reino de Deus e Espiritualidade Hoje*. São Paulo: Fonte Editorial/Santuário, 2010.
- RICHARD, Pablo. Bíblia: Memória Histórica dos Pobres. *Estudos Bíblicos* 1, 1986, p. 20-30.
- SCHWANTES, M. O êxodo como evento exemplar. *Estudos Bíblicos* 16, 1988, p. 9-18.
- SCHWANTES, Milton. Interpretação de Gn 12-25, no contexto da Elaboração de uma Hermenêutica do Pentateuco. *Estudos Bíblicos* 1, 1986, p. 31-49.
- VALMOR, da Silva. Leituras do Êxodo na America Latina. REIMER, Haroldo; VALMOR, da Silva. *Libertação-Liberdade*. Novos Olhares: contribuições ao II Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo/Goiânia: Oikos/UCG, 2008, p. 13-26.